

## A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Nunca fui um fotógrafo profissional, mas, para mim, a fotografia sempre foi um instrumento de trabalho indispensável, assim como também o foram o desenho e a escrita, seja documentando edificações antigas, equipamentos de trabalho tradicionais, objetos de arte ou registrando obras de restauro.

**José Saia Neto**

Fotógrafo, técnico do IPHAN, tendo atuado na Superintendência de São Paulo em Coordenadorias de Conservação e de Preservação. Consultor Técnico.

[saia@sili.com.br](mailto:saia@sili.com.br)



Detalhes dos muros da Fazenda Pau d'Alho, São José do Barreiro-SP. 2009.

Esta circunstância é similar a de tantos outros profissionais de diversas áreas que utilizam imagens fotográficas que eles próprios realizam sem delegar este trabalho de registro a um fotógrafo profissional tem muito a ver com a fotografia como recurso de expressão e com a sua utilização no processo de trabalho.

Mas a apropriação deste recurso somente foi possível a partir da vertiginosa evolução da tecnologia do processo fotográfico. Até os anos 70, a fotografia era uma atividade muito especializada: as câmaras eram complexas e de difícil manuseio, exigiam material importado, conhecimento específico de ótica e química, familiaridade com uma série de recursos técnicos, disponibilidade de tempo além de uma rigorosa parcimônia de registros, a tal ponto

que não era possível abrir mão do auxílio de um fotógrafo profissional. O trabalho de campo, em geral com filmes preto e branco, se estendia ao laboratório, com a elaboração das fórmulas, a revelação dos negativos, a execução das ampliações, a identificação e arquivamento de tudo corretamente. A utilização do produto final deste processo era, via de regra, uma etapa a ser apropriada pelo trabalho de terceiros.

A crescente demanda pelo registro fotográfico como documentação técnica se desdobrou muito rapidamente, com a utilização da fotografia em estudos, pesquisas e inventários, e isto introduziu um grande dilema: as eternas limitações financeiras, as características do trabalho de campo e mesmo a utilização da imagem fotográfica como um dos diversos elementos que se complementavam num mesmo trabalho, impunham que ou os fotógrafos adquirissem uma grande intimidade com a produção de outros profissionais ou então que estes passassem a assumir a tarefa de realizar os registros.



Detalhe de viga de reforço em concreto da Casa do Sítio Itaim, São Paulo-SP. 2009.



Se isto ocorria com os instantâneos, a documentação de processos de trabalho como o funcionamento de um tear ou de um moinho era muito mais problemática, pois implicava em filmagens, mais caras e complexas. E o mesmo ocorria de maneira mais aguda com o registro de depoimentos e de outras expressões orais que



exigiam equipamentos bastante inacessíveis aos pesquisadores.

Recuperação de paredes de taipa da Casa do Sítio Itaim, São Paulo-SP. 2009.



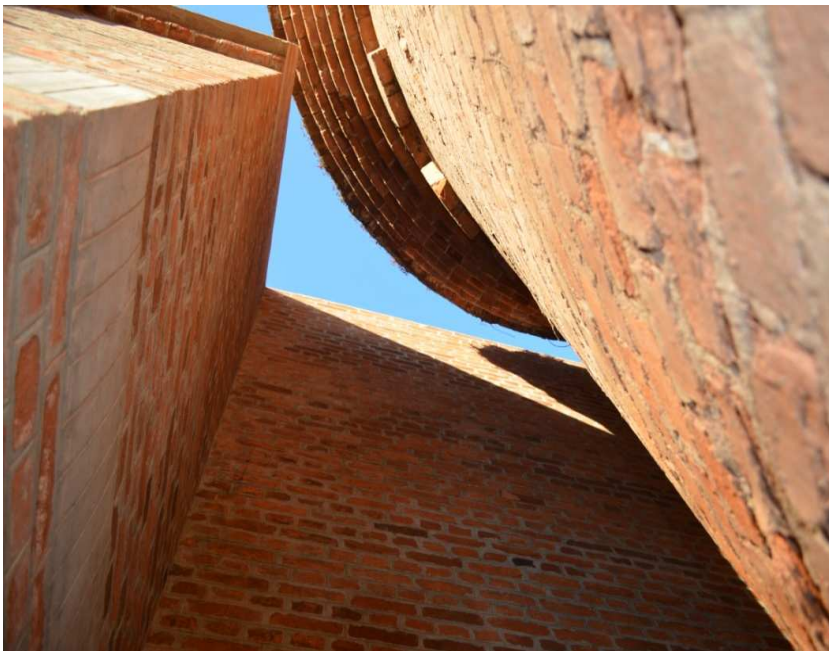
Vergas de madeira antigas da Casa do Sítio Itaim, São Paulo-SP. 2008.

Uma foto estritamente técnica de um detalhe arquitetônico, de um procedimento de obra ou de uma solução construtiva está sempre condicionada ao equipamento disponível e às condições de trabalho, também depende de uma certa disposição pessoal, de tempo e de habilidade para superar imprevistos para que o objeto de interesse fique o mais claro possível, o mesmo acontecendo com o desenho livre. Nos anos 30/40, isto provocou, no IPHAN, longas discussões envolvendo fotógrafos do porte de Gautherot, Vosylius, Germano Graeser e estudiosos como Mário de Andrade e Dr. Lúcio Costa; como resultado foi criado um conjunto impecável de registros.

E assim, durante muito tempo, grandes fotógrafos se tornaram parceiros de arquitetos, paisagistas, artistas, cientistas e outros profissionais, mas sempre foi um campo de atividades bastante restrito e



certamente o seu interesse pessoal e as amizades faziam parte da remuneração.



Base de chaminé do Engenho Central de Piracicaba-SP. 2014.

Não obstante, a qualidade destas imagens, muitas vezes publicadas em revistas especializadas, constitui um acervo importantíssimo, a se tomar como exemplo a documentação e difusão da produção dos arquitetos e artistas plásticos brasileiros das décadas de 40 a 70.

Com a diminuição do tamanho, com a simplificação da operação e com a ampliação dos recursos das câmaras, foi se tornando desnecessário estar atento à regulagem de abertura e ao tempo de exposição e, mais recentemente, nem mais ao foco, e a foto digital fez desaparecer os negativos e todo o trabalho de laboratório.

Ademais, com a vertiginosa sucessão dos programas de computador, o registro eletrônico da imagem, totalmente dependente destes programas, passa também a exigir atualizações. O surgimento de sofisticados recursos específicos para edição de imagens também lança uma certa desconfiança sobre a sua confiabilidade como documento, uma vez que a



Detalhe do caminho de ronda do Forte Coimbra, Corumbá-MS. 2001.



execução de qualquer alteração de conteúdo é muito mais difícil de ser identificada do que no caso dos antigos negativos, em que o retoque é facilmente comprovável.



Detalhe de estrutura de madeira danificada, Itu-SP. 2016.

Mas toda esta facilidade também se refletiu na atitude dos fotógrafos, profissionais ou amadores, o cuidadoso planejamento e seleção de conteúdo, de enquadramento, de iluminação e de qualidade da fotodeu lugar à captura de dezenas ou centenas de imagens, como pequenos ensaios sobre o objeto de interesse, das quais, posteriormente, se escolhem algumas poucas, muitas vezes mais pelo seu impacto ou por uma outracaracterística qualquer do que pela sua função como memória e documento. Esta atitude se disseminou a partir da fotografia de propaganda e do fotojornalismo.



Reforço em estrutura de cobertura, Itu-SP. 2016.

Com isto a imagem fotográfica vai se afastando da escrita e do desenho como um conjunto articulado de elementos de expressão, na direção de um registro de sensações visuais, muito mais próximo das artes plásticas.

Mas o importante é que a fotografia continua sendo uma das linguagens mais utilizáveis para denunciar, educar, emocionar, explicar, ilustrar, documentar e preservar a memória.

Detalhes de estrutura de cobertura do prédio do Refino da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, Iperó-SP 2011.



Superadas as questões decorrentes das novas tecnologias e da popularização do registro de imagens seja por câmeras autônomas seja pelas instaladas em telefones portáteis, em relógios ou em qualquer outro objeto que possa conter estes equipamentos minúsculos, o importante é que não se percam estes registros.

Até uns anos atrás, em todas as casas a memória fotográfica familiar era compartilhada pelos seus membros e por aqueles que com eles mantinham relações, por intermédio de álbuns, porta retratos ou mesmo dentro de uma velha caixa de sapatos e constituía um manancial importante de memórias afetivas, mas era mais do que isto, representava um precioso repositório de informações sobre vestuário, costumes e práticas sociais, que ainda é pouco utilizado de maneira sistemática e que vai desaparecendo.

A busca por um conhecimento mais abrangente e menos profundo se reflete em aproximações cada vez mais superficiais, e mesmo numa era onde os recursos visuais são bastante valorizados, paradoxalmente a fotografia torna-se um recurso relativamente pouco



aproveitado em processos de aprendizado e de busca por conhecimento, e, mesmo comomemória pessoal; passa a ser, mais e mais, um registro de sensações e de testemunho do cumprimento de certos modismos a ser divulgado nas redes sociais.



Ruínas do Convento de Almagre, Cabedelo, PB. 2009.



Engenho de rapadura Bujari, Areias, PB. 2009.

O ápice desta mudança de comportamento é o aparecimento das ‘selfies’ quando a paisagem deixa de ter significado e passa a ser um cenário para o registro da passagem das pessoas por elas, assumindo o mesmo papel dos fundos decorados dos antigos ateliês fotográficos do início do século XX. Não se trata de uma crítica, mas da constatação de uma realidade.

Certos fotógrafos e desenhistas prescindem de textos, tal a sua capacidade de expressar ideias através da sucessão de imagens, como Sebastião Salgado e Saul Steinberg.

Os escritores geralmente estimulam cada leitor a participar da criação de suas histórias, seja na caracterização dos personagens ou na ambientação de espaços, e esta

possibilidade de participação é muito estimulante, fazendo com que o texto prescindia de ilustrações ou de imagens, porém, em muitos casos, quando o texto se refere a locais e personagens reais, ele perde um pouco do seu encanto.

Quem teve a oportunidade de ter às mãos o livro *Viagem a Portugal*, de José Saramago, na edição de 1985 da Editorial Caminho e as demais reedições não ilustradas sabe bem do que falo. Por mais que a descrição seja rica e detalhada, que haja um roteiro preciso, que os comentários sejam surpreendentes, até por sua erudição, as imagens são fundamentais para quem não conheça estes lugares, estas gentes e estes hábitos, ou ainda para quem não seja de alguma forma iniciado na vida, na história e nas artes de Portugal.



Vale dos dinossauros, Souza, PB. 2009.

Fotografar tendo em conta a riqueza de informações que um simples instantâneo pode revelar é o que basta para dar importância aos registros, estimula a memória e possibilita partilhar uma descoberta, uma emoção, uma informação importante; e se isto vale para o indivíduo certamente valerá para outros, para tanto, é necessário que estas imagens não se percam, que cada um de nós que fotografa



cuide do seu acervo e permita com que ele esteja disponível de forma minimamente ordenada.

Detalhe do adro do Conjunto Franciscano, João Pessoa, PB. 2009.